

# THOMAS NAGEL E A TELEOLOGIA ARISTOTÉLICA-TOMISTA\*

## THOMAS NAGEL AND ARISTOTELIAN- THOMISTIC TELEOLOGY

Federico García Larrain  
Universidad San Sebastián  
[federico.garcia.larrain@gmail.com](mailto:federico.garcia.larrain@gmail.com)

Resumo: A concepção materialista do mundo, apoiada pela teoria da evolução, tem sido oposta à prova da existência de Deus pela ordem do mundo (a quinta via de São Tomás). Embora a explicação darwiniana não se oponha diretamente à existência de Deus, em algumas de suas formulações contemporâneas (Dawkins, Gould, Wilson e Lewontin, por exemplo) isso é assumido como um ponto de partida. Neste contexto, a recente publicação de *Mind and Cosmos: Why the Materialist Neo-Darwinian Conception of Nature is almost certainly false*, de Thomas Nagel, causou grande controvérsia. O autor afirma que é possível distinguir uma teleologia no mundo natural, embora ele não vá ao ponto de propor a existência de um Deus criador. Este documento examinará os postulados de Nagel, comparando-os com a filosofia natural aristotélica e thomística, a fim de esclarecer os fundamentos de sua crítica ao darwinismo e compreender que tipo de teleologia ele postula.

Palavras-chave: Thomas Nagel. *Mente e Cosmos*. Teleologia. Quinta via. Ordem mundial.

Abstract: The materialistic conception of the world, buttressed by the Theory of Evolution, has been opposed to the proof for the existence of God through the order of the universe (the fifth way of St. Thomas Aquinas). Although the Darwinian explanation of the world is not directly opposed to the existence of God, some of its contemporary formulations (Dawkins, Gould, Wilson and Lewontin, for example) make of atheism a starting point. In this context, the recent publication of *Mind and Cosmos: Why the Materialist Neo-Darwinian Conception of Nature is almost certainly false*, by Thomas Nagel has been the subject of disputation. The author affirms that it is possible to discover order in the natural world but does not go so far as to posit the existence of a Creator. In this paper Nagel's notions of natural order will be examined and compared to those of Aristotelian-Thomistic natural philosophy, in order to make clear the basis of Nagel's critique of Darwinism and to understand what kind of teleology does his theory advance.

Keywords: Thomas Nagel. *Mind and Cosmos*. Teleology. Fifth Way. Natural Order.

Received: 07/04/21

Accepted for publication: 12/04/21

Published: 18/04/21



\* [N.T. JTS] O presente artigo é uma tradução autorizada pela Universidad Católica de la Santísima Concepción, em função da primeira publicação do artigo original, a saber: GARCÍA LARRAÍN, Federico. Thomas Nagel y la teleología Aristotélico-Tomista. *Revista de Filosofía*, v. 13, n. 2, p. 49-57, jun. 2018. ISSN 0717-7801. Disponible en: <http://revistas.ucsc.cl/index.php/revistafilosofiaucsc/article/view/325>.

## I. Introdução: A teoria da evolução por seleção natural e a existência de Deus

Se é possível vir a conhecer a existência de Deus através do conhecimento do mundo é uma das questões em que a ciência e a fé entram em contato. É fundamental para que a fé não se torne um fideísmo irracional que seja razoável, que esteja de acordo com a realidade observável. A investigação destas questões envolve a definição dos limites da ciência natural e o que a filosofia pode dizer sobre o mundo e sobre Deus.

Das tentativas de chegar a Deus através da razão, talvez a mais familiar é a quinta via de São Tomás de Aquino, que procede da ordem do mundo. É o que parece ser o menos metafísico e o acesso mais direto à razão. Mas São Tomás não foi o primeiro a olhar para o mundo a fim de alcançar Deus. São Paulo diz na Carta aos Romanos, referindo-se aos gentios, "porque tudo o que se pode conhecer sobre Deus é claro para eles: o próprio Deus lhes deu a conhecer, pois seus atributos invisíveis - seu eterno poder e divindade - se tornaram visíveis aos olhos do intelecto desde a criação do mundo por suas obras" (Rm 1,19-20). (Rom. 1: 19-20). E Santo Agostinho diz em um de seus sermões: "Questione a beleza da terra, questione a beleza do mar, questione a beleza do ar que se expande e se espalha, questione a beleza do céu [...] questione todas essas realidades". (Sermo 241, 2: PL 38, 1134).

A quinta via procede da seguinte forma: "Vemos, de fato, que as coisas que carecem de conhecimento, como os corpos naturais, trabalham para um fim, como se prova observando que eles sempre, ou quase sempre, trabalham da mesma maneira para alcançar o que lhes é mais conveniente; de onde se compreende que eles não vão para o seu fim trabalhando por acaso, mas intencionalmente. Agora, aquilo que carece de conhecimento não tende a um fim a menos que seja dirigido por alguém que entende e sabe, da mesma forma que o arqueiro dirige a flecha. Portanto, existe um ser inteligente que dirige todas as coisas naturais para o seu fim, e nós o chamamos de Deus". (I, I q2, a3).

Embora Aquino, seguindo Aristóteles, refira-se ao propósito presente na própria natureza e não a Deus como uma causa extrínseca a ela, esta forma foi popularizada referindo-se não tanto ao fim, mas à constituição de Deus ou "desígnio" das criaturas. Um expoente famoso disto foi William Paley, um clérigo anglicano, que em sua obra *Teologia*

*Natural* populariza a metáfora do relógio: se uma pessoa encontra um relógio no chão, não suporá que o relógio sempre esteve lá, ou que foi feito por conta própria, mas vendo a ordem e complexidade das peças, suporá que foi feito por um ser inteligente.

Agora, este argumento para a existência de Deus sofreu um golpe com a publicação da *Origem das Espécies* de Charles Darwin. Neste livro, Darwin oferece uma explicação alternativa convincente para a ordem aparente nas estruturas vivas. Esta explicação é a conservação das características, adquiridas aleatoriamente, através da seleção natural ou sobrevivência. Darwin, além disso, apóia sua teoria em numerosas observações coletadas em sua longa jornada pelo mundo como naturalista, além de experiências com animais domésticos e outras pesquisas. Com Darwin, não é mais necessário acreditar em Deus para explicar a ordem do mundo.

A explicação de Darwin foi reforçada pelas descobertas de Mendel sobre hereditariedade, e pelas sucessivas descobertas sobre genética, gerando a chamada "nova síntese" da teoria evolucionária, que é o paradigma que rege hoje em dia nas ciências biológicas. Poder-se-ia acrescentar que a expulsão de Deus da esfera científica também consolida o mecanicismo, já iniciado por Descartes e Newton, que afeta todas as ciências naturais, reduzindo a natureza a seu aspecto quantificável.

Sendo esta, em termos gerais, a situação atual, em 2012 Thomas Nagel, professor de filosofia da Universidade de Nova York, publicou um pequeno livro intitulado *Mente e Cosmos* onde ele levanta dúvidas sobre a capacidade da teoria neo-darwinista de explicar a totalidade da natureza. A publicação deste pequeno volume desencadeou uma controvérsia, abalando um setor do pensamento científico e filosófico que até então só tinha sido criticado a partir de posições muito marginais (cfr. Chorost, 2013).

Neste estudo, proponho examinar a crítica de Thomas Nagel ao naturalismo darwiniano, investigar sua proposta alternativa e ver até que ponto ela coincide com a teleologia de Aristóteles e São Tomás de Aquino.

## II. O argumento teleológico

Talvez a primeira coisa a esclarecer no debate sobre o argumento teleológico seja o que não é a teleologia aristotélica-Thomística. O argumento contemporâneo de *Design Inteligente*, herdeiro de Paley (com seu correlato, o princípio antrópico do universo) proposto por autores como os bioquímicos Michael Behe e Michael Denton, não é teleológico em rigor estrito.

A linha de argumentação que propõe a hipótese de design inteligente é semelhante à de Paley: certas estruturas biológicas, como o flagelo de certos organismos unicelulares ou o olho humano, ou certos processos bioquímicos, como a coagulação do sangue, são tão complexos que são melhor explicados pelo apelo a um designer inteligente do que pela seleção natural, especialmente se considerarmos o tempo decorrido desde o início da vida na Terra até o aparecimento destes fenômenos (Behe, 1996).

A principal característica, na qual repousa o argumento, é a *complexidade irreduzível*, ou seja, uma estrutura é muito complexa para parecer completa pela seleção natural, e não poderia ser explicada pelas mudanças graduais propostas por Darwin, uma vez que as fases inferiores dessa estrutura ou processo não teriam qualquer utilidade (o olho está completo, ou é inútil para ver). A resposta do darwinismo foi o livro de Richard Dawkins *Climbing mount improbable* (1996) onde argumenta que uma estrutura ou processo pode cumprir diferentes funções à medida que muda, de modo que as mudanças podem se acumular para formar estruturas de grande complexidade.

O argumento para um projeto inteligente refere-se à causalidade eficiente - e até certo ponto formal - em vez da causalidade final. É por isso que, como o professor Edward Feser observa corretamente, o argumento é probabilístico e não demonstrativo (2010, p. 145). Seria improvável que estruturas complexas aparecessem em um mundo sem um criador. Mas o improvável, por mais improvável que seja, pode ocorrer por acaso. Se o tempo decorrido é ou não suficiente para deixar espaço para o improvável é outro problema de probabilidade.

Mas São Tomás não argumenta a partir das probabilidades; é sua intenção demonstrar filosoficamente. E quando uma coisa é demonstrada, seu oposto é impossível,

não improvável. Aquino e o Estagirita argumentam a partir da observação do mundo natural, mas não a partir da ciência natural, mas a partir da filosofia da natureza.

O conceito de teleologia (aristotélica) se refere ao propósito de algo e não à sua estrutura (design inteligente). Sem dúvida, os dois estão ligados, mas não devem ser confundidos.

Embora São Tomás siga Aristóteles, alguns autores, como Feser (2010, pp. 149-152), diferenciaram as duas teleologias. Começamos, então, com Aristóteles. O que ele diz na Física é impressionante: ele se pergunta se é possível para a natureza agir sem nenhum fim, e de fato ele reconhece que ela o faz em alguns casos (198 b 20). Por exemplo, não chove para que o trigo possa crescer, mas chove para que o trigo possa crescer. Este tipo de raciocínio é perfeitamente consistente com o darwinismo. A mesma coisa acontece, por exemplo, com os dentes dos animais. Aristóteles pergunta "o que impede... dentes incisivos de... se tornarem necessariamente afiados... já que eles não surgiram assim por um fim, mas por coincidência?" (198 b 23-32). A resposta está na regularidade: a coincidência não se repete. No comportamento dos animais também vemos o fim, já que eles agem "por" alguma coisa. Pode-se acrescentar, seguindo Aristóteles, que quando algo esperado não acontece, é por causa de um defeito ou problema. A noção de defeito, sem a qual a medicina, por exemplo, não teria sentido, depende da noção de propósito ou fim.

Agora, como observa Feser (2010, pp. 152-155), esta concepção do mundo não é apenas uma descrição científica. A chave da finalidade em Aristóteles está na existência de substâncias: somente um todo pode ter um fim próprio e uma integração teleológica das partes. Isto porque somente um todo, uma substância, pode ter uma natureza, um modo de ser próprio, que por ser de uma maneira, pode agir de uma maneira que lhe convém de acordo com o que é e não por acaso. A compreensão da finalidade deve ser buscada em uma filosofia. É por isso que a crítica a Nagel e outros é ao darwinismo como uma filosofia da natureza e não como uma teoria científica.

Neste ponto, uma consideração pode ser feita antes de continuar: a questão sobre a ordem do mundo repousa em uma certa filosofia sobre as coisas materiais. Já dissemos que a teleologia implica a existência de substâncias: matéria que não age sozinha, mas é ordenada por outro princípio que junto com a matéria forma uma coisa ou substância. O projeto inteligente, por outro lado, implica uma visão mecanicista da natureza, uma ordem

na matéria imposta de fora, não intrínseca à coisa em si. O darwinismo, em sua versão filosófica, é atomístico: a matéria seria organizada de uma forma aleatória e acidental.

Feser distingue a teleologia aristotélica da teleologia tomista (2010, p. 146) porque Aristóteles não chega a Deus através da ordem da natureza em suas investigações físicas (embora o faça na *Metafísica*), ele apenas afirma esta ordem, embora também afirme que "é necessário que a inteligência e a natureza sejam as primeiras causas não só de muitas outras coisas, mas também deste universo" (198 a 10). Aristóteles não exclui o principal motor, embora para ele não intervenha diretamente no contingente.

A teleologia de São Tomás vai um passo além e chega a Deus. O quinto caminho da *Suma* é famoso, mas é breve, pois ele simplesmente quer estabelecer que existe Deus para passar para outros assuntos. Ele também se refere a isto no *Comentário sobre a Física* de Aristóteles, no livreto *Os Princípios da Natureza*, e na pergunta 103 da *Summa Theologiae* quando fala do governo do mundo. Nele ele se refere aos atomistas que colocam a chance como a causa. Deve-se notar que ele afirma que o governo de Deus é mediado: ele governa algumas coisas por outras sem substituir a causalidade natural.

O darwinismo se opõe a isso, afirmando que as coisas podem acontecer por acaso. A força do argumento é que a conservação do que surge por acaso é conseguida por um mecanismo: a seleção natural conseguindo assim a regularidade. Estaria além do escopo deste estudo se isto é de alguma forma tautológico. A expansão do argumento de Darwin para a negação de Deus é que isso torna Deus supérfluo: o mundo não precisa de Deus para ser explicado. St. Thomas cuida desta objeção (I, I q3 a2 r2) dizendo que uma explicação por meio de uma causa eficiente precisa de uma explicação final de qualquer maneira. O projeto inteligente, por outro lado, ao fazer de Deus a causa eficiente, esbarra em dificuldades diante do darwinismo.

No entanto, a concepção naturalista e mecanicista do mundo tornou-se muito forte no século 20. Ela responde a vários fatores, entre outros o progresso da ciência e a utilidade do método redutor para explicar os fenômenos materiais. No início do século 21, alguns polêmicos, como o já mencionado Richard Dawkins, fazem um pedido de desculpas pelo ateísmo usando Darwin como seu principal apoio (2006).

Neste contexto, Thomas Nagel, um notável estudioso da ética e da filosofia da mente, entra em conflito com o livro *Mente e Cosmos* criticando a pretensão do darwinismo de ser uma explicação total do cosmos e tentando propor uma certa teleologia na natureza. É importante mencionar que Nagel se declara um ateu.

### III. A crítica de Nagel

Pode-se começar a analisar a crítica de Nagel a partir de uma de suas obras mais importantes, o artigo sobre a filosofia da mente "Como é ser um morcego" (1974). Nela, Nagel teoriza que, como certos estados mentais muito diferentes dos nossos - como a percepção de um morcego - são reais, mas não quantificáveis, nem toda a realidade é redutível à matéria. Aqui podemos ver em uma fase inicial o anti-reducionismo que o caracteriza, e que derivaria no anti-materialismo da *Mente e do Cosmos*. A "mente" da *Mente e do Cosmos* não se refere à mente divina, o que o autor nega, mas à mente humana. A crítica de Nagel ao darwinismo começa com a mente humana e sua capacidade de conhecer a si mesma e o mundo ao seu redor. Nagel concentra-se em três aspectos que ele considera cruciais para criticar a filosofia materialista do darwinismo contemporâneo: consciência, conhecimento e valores. Destes ele passa a postular uma ordem natural, como um meio termo entre o materialismo e a crença em Deus.

Nagel começa por afirmar que o mundo é inteligível, que pode ser compreendido racionalmente. Esta é uma suposição da ciência, que se dedica a estudar o mundo material e a aprofundar sua compreensão, mas não poderia ser compreendida se fosse simplesmente aleatória em sua estrutura e comportamento. O aleatório é incompreensível. Isto é evidente. O aleatório não é compreensível nem previsível, mas o mundo natural o é. Na verdade, a redutibilidade da natureza às leis físicas e matemáticas é parte de sua inteligibilidade. Além disso, grande parte do poder da ciência moderna se baseia em sua capacidade de previsão. Mas o mundo não é apenas inteligível, mas existem mentes inteligentes no mundo capazes de compreendê-lo, e ainda mais, de compreender a si mesmas. Entretanto, para Nagel, a mente humana é inexplicável dentro do mundo, porque os estados mentais não são redutíveis à matéria, mas são reais, como ele mesmo já havia proposto. A matéria, além

disso, organizada ao ponto de produzir seres inteligentes, não parece ter em si o princípio da organização, mas tende a entropia. Parece que a natureza está tentando algo. Pelo menos é o que diz o senso comum, que Nagel tenta apoiar (2012, p. 18 e seguintes).

Observando o acima exposto, vale notar que a linguagem teleológica é inevitável: Richard Dawkins fala, ainda que metaforicamente, do gene "egoísta" (1976) e Roberto Torretti, no mesmo parágrafo de seu artigo *Designs and designs* no qual ele ataca a hipótese do design inteligente, diz que "a verdade - descoberta por Darwin - nos torna livres: produto do acaso auxiliado pela seleção natural, não devemos obediência a nada, e não temos outros propósitos ou valores além daqueles que sabemos propor a nós mesmos". Nietzsche teria sido o primeiro pensador que entendeu desta maneira...; mas hoje é um lugar comum entre pessoas instruídas e começa a permear todos os grupos sociais, com conseqüências nem sempre propícias ao bem-estar geral". (2009, p. 68). Naturalmente, falar de noções como "bem-estar geral" pressupõe algum tipo de finalidade.

Além da irredutibilidade da mente, o conhecimento apresenta uma dificuldade teórica para o materialismo, pois -desse ponto de vista- qualquer afirmação sobre o mundo implicaria que uma parte do mundo tentaria explicar o todo. Mas se a mente é parte do mundo, e nada mais é do que matéria, o que ela afirma não pode ter uma reivindicação de verdade objetiva. A afirmação de materialismo implicaria uma contradição. Além disso, as maiores capacidades da mente, tais como a capacidade de produzir e apreciar arte, não têm valor de sobrevivência imediata, e por isso são melhor explicadas de uma perspectiva teleológica do que darwiniana (Nagel, 2012, pp. 71ff.).

O último ponto de Nagel é sobre a moralidade. Nagel aceita a conclusão - compartilhada por Torretti no artigo citado acima - de que o materialismo não deixa espaço para falar de um bem ou mal objetivo, além do prazer ou da dor. A cosmovisão evolucionária implica abandonar o realismo moral, já que os valores morais seriam entidades não-materiais e, portanto, não quantificáveis (2012, p. 28). Entretanto, afirma Nagel, existe um bem e um mal para os seres do mundo (o que implica uma finalidade) e ainda mais, alguns podem ser dirigidos a esse bem de forma consciente (2012, pp. 97 e seguintes).

Nagel conclui, não que Darwin estava errado em sua teoria sobre como os seres vivos que existem hoje passaram a ser como são, mas que sua teoria não dá uma imagem completa do mundo quando tenta explicar os princípios da natureza além das leis que operam em um determinado reino (2012, pp. 127 e seguintes).

#### IV. Conclusão

O ponto principal da crítica de Nagel ao materialismo (2012, pp. 13ss.) é sua incapacidade de explicar "mente", com tudo o que isso implica: compreensão real do mundo com valor de verdade, consciência e moralidade. Esta crítica mostra que o materialismo, se formulado como uma teoria, implica uma contradição. Descartando o materialismo e não querendo aceitar a intervenção de Deus, Nagel opta por uma teleologia sem Deus (2012, pp. 127-128), semelhante ao que Feser atribui a Aristóteles (2011, p. 146). No entanto, ele não pára por aí.

Uma razão adicional para sua posição - embora ele não a afirme fortemente - fora do senso comum que mostra uma finalidade na natureza, é a crescente organização da matéria que traz consigo a existência de mentes como a mente humana (2012, p. 19). Deve-se notar que o ponto de partida de Nagel não é a observação do mundo externo (que é o que fazem Aristóteles e São Tomás), mas da mente humana.

Embora Nagel não vá até Deus, ele deixa em aberto a possibilidade, afirmando que nem tudo no universo é matéria. Uma melhor compreensão do ato criativo como a preservação das coisas no ser em vez de uma intervenção externa pode terminar de explicar a teleologia sem anulá-la, levando a uma formulação mais detalhada da quinta via.

Por enquanto, os agradecimentos são devidos a Thomas Nagel por sua abertura de espírito, por sua coragem em enfrentar um tema difícil contra o *mainstream*, por ter colocado o tema no centro do debate filosófico e por ter tentado estabelecer limites à reivindicação da ciência como conhecimento universal, apesar da rejeição que seu livro *Mente e Cosmos* tem provocado.

## Referências

- Aquino, Tomás de. [\*Summa Theologiae\*](#). Biblioteca de Autores Cristianos, Madri, 1988.
- Aquino, Tomás de. [\*Os princípios da natureza\*](#). Agape Libros, Buenos Aires, 2007.
- Aristóteles. [\*Física\*](#). Gredos, Madri 1995.
- Artigas, Mariano, e Sanguineti, Juan José. [\*Filosofía de la Naturaleza\*](#). EUNSA, Pamplona, 1993.
- Behe, Michael. [\*Darwin's Black Box\*](#). Free Press, New York, 1996.
- Chorost, Michael. "Where Thomas Nagel went wrong". *Chronicle of Higher Education*, 13 de maio de 2013.
- Darwin, Charles. [\*The Origin of Species\*](#). Gramercy Books, Nova York, 1979.
- Dawkins, Richard. [\*Climbing Mount Improbable\*](#). Norton, New York, 1996.
- Dawkins, Richard. [\*The Selfish Gene\*](#). Oxford University Press, Oxford, 1976.
- Dawkins, Richard. [\*The God Delusion\*](#). Bantam Books, Nova Iorque, 2006.
- Feser, Edward. "Teleology: A Shopper's Guide". *Philosophia Cristi*, Vol. 12, No.1, 2010, pp.142-159.
- Nagel, Thomas. [\*Mind and Cosmos\*](#). Oxford University Press, Oxford, 2012.
- Nagel, Thomas. "What is it like to be a Bat". *The Philosophical Review*, Vol.83, No. 4, 1974, pp. 435-450.
- Paley, William. [\*Natural Theology\*](#). Oxford University Press, Oxford, 2006.
- Torretti, Roberto. "Diseños y designios". *Estudios Públicos*, 115 (Inverno 2009), pp. 49-74.



---

GARCÍA LARRAÍN, F. THOMAS NAGEL E A TELEOLOGIA ARISTOTÉLICA-TOMISTA. *Journal of Teleological Science*, v. 1, n. 1, p. 45-55, 2021. Disponível em: <https://www.telosjournals.com.br/ojs/index.php/jts/article/view/3>

---



[www.telosjournals.com.br](http://www.telosjournals.com.br)

---